



RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA E COMPORTAMENTO AMBIENTAIS EM PRÁTICAS DE LAZER NA NATUREZA¹

Humberto Luís de Deus Inacio
Antonio Baena-Extremera

RESUMO

Este estudo objetivou identificar a relação entre consciência ambiental e comportamento de praticantes de atividades de lazer na natureza. Foi utilizada uma Escala de Comportamento Responsável com 314 alunos da Universidad de Murcia, Espanha. Partiu-se da premissa que consciência e comportamento não se relacionam de forma linear, podendo um sujeito apresentar um comportamento distinto de sua consciência. A pesquisa indicou que 78% dos sujeitos investigados apresentam um nível de consciência ambiental adequado, mas apenas 67% do total conectam este nível de consciência com um comportamento responsável. Assevera-se que há necessidade de aprofundar práticas pedagógicas que possam auxiliar as pessoas a refletirem sua consciência em suas atitudes.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas corporais na natureza; lazer; comportamento; consciência ambiental.

INTRODUÇÃO

Comportamentos e atitudes são reflexos de modos de pensar, de visões de mundo, do compromisso sociocoletivo de um indivíduo ou grupo etc. Da mesma forma, avaliar comportamentos ou atitudes sofre a influência da perspectiva de quem vê, de seus objetivos e também daqueles que estão sendo avaliados.

De acordo com Corraliza & Martin (2000), embora seja crescente o interesse no estudo do comportamento humano relacionado com a natureza, são poucos os que se dedicam a toda complexidade do fenômeno. Rodriguez & Stanisstreet Boyes (2010) ressaltam a necessidade destes estudos pois afirmam que há uma grande diferença entre a consciência ambiental das pessoas e comportamento pró-ambiental.

No caso desta investigação, partimos de um conceito de meio ambiente (MA) como uma construção sócio-histórica, portanto, entrelaçada com as ações da humanidade ao longo

¹ O presente trabalho contou com apoio da UFG – Universidade Federal de Goiás para sua realização.



do processo civilizatório. Neste sentido, podemos dizer que o ser humano (SH) não é visto aqui como um ser isolado da natureza ou do MA, nem suas práticas; mas como um componente do sistema complexo que é o nosso universo, com seus papéis e funções sistêmicas, sejam naturais ou culturais.

No entanto, apesar de o SH ser um dos milhões de elementos que compõem o universo, por sua capacidade criativa e transformadora, mais do que qualquer outra espécie, o SH transforma o meio no qual está inserido.

Assim, com a premissa de que o comportamento nem sempre corresponde a autopercepção de consciência, foi desenvolvida esta pesquisa, com o objetivo de avaliar a consciência e o comportamento ambientais durante práticas de lazer na natureza; os sujeitos foram alunos/as do curso de Educação Física da Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade de Múrcia (Espanha), de acordo com as escalas e instrumentos apresentados mais adiante.

Este estudo também foi motivado pelo discurso recorrente de que as práticas corporais na natureza – especialmente no âmbito do lazer, correspondem a um retorno do SH a uma natureza distinta dos meios urbanos, repleta de fauna, flora e formações geográficas não alteradas pela ação antrópica. Tal discurso hegemônico indica que tais praticantes apresentam uma consciência ambiental avançada e que seu comportamento reflete a mesma.

Neste sentido, nos perguntamos se isto corresponde à realidade, ou seja, se consciência e comportamento ‘caminham juntos’ durante estas práticas.

CONSCIÊNCIA

Não há nada que seja tão claro como o fato de sermos conscientes (ADES, 1997, p.01). Isto faz parte das reflexões humanas há muito tempo, como pode ser visto nas palavras de Aristóteles, "Seja Senhor de sua vontade e escravo de sua consciência." Essa assertiva nos faz refletir sobre a forma como as pessoas se comportam na vida cotidiana. Especialmente hoje, com informação em profusão pelos meios de comunicação em massa, especialmente a televisão e a Internet, é cada vez mais difícil para uma pessoa do ‘mundo moderno’ sustentar a ignorância/desconhecimento em questões importantes como o MA.



O juízo de Aristóteles também nos faz pensar que uma pessoa pode desenvolver comportamentos que são incompatíveis com sua própria consciência, afastando-se do que ela pensa sobre algum aspecto da vida individual ou social, e, então, agir de forma incompatível com seu próprio pensamento ou consciência.

Consciência é um conceito muito amplo e largamente discutido. Góis (2001, s/p) argumenta que "não se pode reduzir a consciência no estudo do comportamento animal, e isolar as relações culturais e sociais, a questão da consciência continua a ser um tema de importância e interesse no debate atual".

Por sua vez, Chandiramani (2006, s/p), afirma que:

La conciencia, sin duda es una virtud extremadamente importante. La conciencia nos permite sacar las decisiones responsables del camino de la vida. La conciencia guía e influye la trayectoria de cada esfuerzo de manera práctica, usando de la lógica y la prudente perspicacia.

Todavia, ser um escravo de sua própria consciência, como proposto por Aristóteles, não é uma tarefa simples. Segundo Castro (2006, s/p) "a consciência é simplesmente o raciocínio prático sobre questões morais, e, portanto, tão falível como qualquer outra razão." E os defeitos são mais evidentes no nível comportamental, isto é, nas atitudes dos indivíduos.

Pradines (1987, p.11) assevera que "*nuestros instintos y nuestros hábitos, en apariencia más ciegos, a menudo testiguan una selectividad, una intencionalidad que no se deben a nuestras actividades más conscientes*". No entanto, quando este autor diz 'a menudo' (muitas vezes), nos leva a inferir que, em outras ocasiões, a seletividade não está presente; portanto, algumas de nossas ações podem ficar longe de nossa consciência.

Além dos conceitos de consciência de que podem ser encontrados, também existem nomenclaturas, tais como a 'consciência coletiva'. Durkheim nos diz que esta "é a força coletiva exercida sobre um indivíduo, que faz com que ele aja e viva de acordo com as normas da sociedade em que atua" (citado por MACHADO, 2012); ou, ao menos, faz com



que o indivíduo busque comportamentos adequados a estas regras, sendo pressionado moral e psicologicamente para isto.²

Assim, parece que existem duas grandes dimensões minimamente presentes nos estudos sobre o que é a consciência: a individual e a coletiva. No entanto, elas são interdependentes e intervêm uma na outra e vice-versa. Neste sentido, sabemos que dados coletados no estudo podem ser o resultado desta força exercida coletivamente sobre o indivíduo, sendo que o comportamento como uma expressão da própria pessoa, se apresenta de forma diferente.

Para Diaz, a consciência tem origens sociais, ou até mesmo mais: "[...] tem um caráter social essencial" (DIAZ, 2003, s/p). Este autor, um seguidor da ideia de formação cultural, indica a obra de Marx como esclarecedora desta questão:

No Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política declara: não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, pelo contrário, é o seu ser social que determina sua consciência; e repetiu em A Ideologia Alemã: não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.

Leontiev, citado por Góis (2001), caminha na mesma direção:

A consciência individual do homem só pode existir sob condições em que há uma consciência social; a consciência é um reflexo da realidade refratada através do prisma de significados e conceitos linguísticos, socialmente produzida.

Sendo a consciência socialmente constituída, pode-se dizer que a ‘consciência ambiental’ também o é. Sobre este tema, Mandel nos diz que o acesso à informação ambiental praticamente não produz nenhuma alteração no comportamento. Para esta autora, a

² O conceito de consciência coletiva nos recorda a afirmação de Marcellino (1987), sobre o tempo para o lazer, que ele chama de ‘disponível’, argumentando que ninguém é totalmente livre para fazer o que quiser, mas que deve se adequar a normas de conduta e comportamento sociais. Independentemente do debate sobre como devemos chamar o tempo do/para o lazer (livre, disponível, conquistado, etc.), concordamos com o autor sobre a imposição das normas sociais sobre nosso comportamento.



probabilidade de riscos não é suficiente para as mudanças de comportamento e de atitude. Então, ela enfatiza: "o domínio cognitivo não resulta diretamente em mudanças" (MANDEL, citado por LAYRARGUES, 2012, s/p).

Estes argumentos acima apresentados são muito importantes para este estudo, uma vez que, ao usar dois instrumentos diferentes de coleta de dados (questionário e observação *in loco*), também se podem observar diferentes respostas (comportamentos) nos questionários em relação às observações em campo.

Neste sentido, podemos inferir que as respostas ao questionário, podem representar a consciência pessoal/individual, enquanto que a observação nas saídas à natureza pode revelar uma consciência coletiva, uma vez que os sujeitos estarão em grupo; portanto, suscetíveis a pressões sociais de comportamento.

COMPORTAMENTO

Analisar comportamentos supõe a premissa de que há comportamentos diferenciados, mesmo num único contexto, há um mesmo tempo.

A consciência está ao nível da reflexão, do conhecimento, do debate. O comportamento é o resultado dialético das ações efetivas do indivíduo em seu cotidiano.

Américo e González (1996, p.77) confirmaram esta hipótese em um estudo com uma mostra de 184 estudantes universitários, aonde não se verificaram relações significativas entre as intenções de conduta proambiental e os valores ético-ecológicos. Também nos dizem estes autores que, quando há dilemas a enfrentar "*los resultados apuntan a la existencia de claras relaciones significativas con las creencias pero no con los valores*".

Porém, ainda que se possa dizer com relativa segurança que o comportamento é reflexo da consciência, também se pode dizer que não. Não é raro, por exemplo, encontrar uma pessoa comprometida, atuante, associada a entidades ambientais e que consome carne ou é aficionada do tabaco.

Pinto (2011), debatendo os níveis de consumo consciente nos propõe três maneiras ecologicamente corretas de consumir: o consumo sustentável, o consumo consciente e o consumo responsável. Segundo o autor, o consumidor sustentável está preocupado com a



perenidade dos recursos; o consumidor consciente apresenta uma ética ambiental em suas escolhas de consumo; finalmente, o consumidor responsável, além de ter consciência de todos os aspectos da sustentabilidade, é responsável por seus feitos, atos e opções.

Pode-se analisar o comportamento com a mesma perspectiva: comportamentos sustentável, consciente e o responsável, indicando que quando a consciência e o comportamento seguem a mesma direção, ali está o **COMPORTAMENTO RESPONSÁVEL**. A avaliação desenvolvida nesta investigação está baseada nesta compreensão.

Por sua vez, Amorim (2010, p.22), investigando o nível ético ambiental de escolares praticantes de esporte de aventura em Portugal, identificou quatro dimensões, as quais, para ele, são inerentes a um comportamento ambiental correto:

1- A sustentabilidade, entendida como “a capacidade em satisfazer nossas necessidades sem arriscar as gerações futuras”; 2- A defesa dos seres vivos, que diz respeito “à proteção dos animais e plantas, seja nas atividades na natureza, seja em nosso dia a dia”; 3- A conservação da natureza, refletida na existência de comportamentos de salvaguardar a natureza em seus aspectos estéticos e físicos; e, 4- A reciclagem, a qual o autor define como “atitudes de eleger materiais que não estejam em risco e pela reutilização das matérias primas”.

Em nosso entendimento, também se pode conectar estas quatro dimensões com as variáveis que compõem o comportamento responsável, sendo que as dimensões de sustentabilidade e defesa dos seres vivos estão ao nível da consciência e a conservação da natureza e a reciclagem ao nível do comportamento/atitudes.

Este mesmo autor ainda nos anima a olhar para outros aspectos que julga significativos nas pesquisas sobre este tema; para ele, não se pode avaliar comportamentos sem ter em conta o sexo, o domicílio, a idade, o nível de escolaridade e a experiência que já apresenta o praticante em atividades de aventura na natureza.

Em outra investigação, Schwambach (2010) avalia os níveis de consciência e comportamentos ambientais de alunos de uma rede pública de ensino no Brasil. Para isto, a autora elaborou um instrumento muito amplo, com questões avaliativas da consciência ambiental e do comportamento, mas também de questões sociais, econômicas, familiares e



escolares, pois que a autora diz não ser possível analisar consciência e comportamento sem contextualizar tais aspectos, especialmente para o desenvolvimento de políticas públicas ambientais.

Finalmente, Baena-Extremera & Granero-Gallegos (2012), realizaram uma pesquisa com estudantes universitários e pós-universitários de diversas profissões entre as quais a de Profissional de Educação Física, avaliando com um desenho pré-teste/pós-teste a influência de um programa de sobrevivência na consciência e na preocupação ecológica, no antropocentrismo, no ecocentrismo e na preocupação ambiental. Estes autores puderam avaliar como a aplicação de tal programa produzia melhoras em variáveis como a preocupação e a consciência ecológica entre outras.

A PESQUISA

Esta pesquisa se insere no âmbito das pesquisas qualitativas, as quais se propõem analisar uma realidade concreta, sem que seus resultados tenham que ser generalizados. Neste tipo de pesquisa os dados mais relevantes são as relações entre os sujeitos e suas conexões com o meio.

A pesquisa aqui apresentada centrou-se, fundamentalmente, na aplicação de um questionário e de observações de campo.

A aplicação do questionário se deu antes das aulas de campo das disciplinas *Deportes de Aventura e Actividades en la Naturaleza* e foi efetuada pelos próprios professores das disciplinas. O cronograma das mesmas previa aulas fora das instalações da Faculdade, algumas em espaços mais distantes e em períodos mais longos e distintos, buscando propiciar aos/as alunos/as experiências diferenciadas daquelas que se passam no cotidiano acadêmico.

Foram justamente nestas aulas que o questionário foi aplicado. Mesmo estando em aula, os/as alunos/as se portavam como se estivessem em seu tempo livre, ou mesmo que a formalidade da aula fosse um pouco restritiva, o questionário era claro em relação aos objetivos da pesquisa, centrada no âmbito do lazer.³

³ Entendemos o lazer como “um espaço de criação e recriação de identidades individuais e coletivas” (PACHECO, 1992, p.252) com potencialidades no sentido de fazer emergir novos valores (ou valores



Outro componente bastante significativo neste estudo é a idade dos sujeitos. A grande maioria é jovem, com idade média de 21 anos.

De acordo com Francelino et al (2009), a juventude atual está cada vez mais distante de um comportamento ambientalmente adequado - ainda que esta ideia se confronte com a afirmativa de que “*esta juventud será el motor de cambios sociales y ambientales necesarios a la contemporaneidad*” (GUIDDENS apud FRANCELINO et al, 2009).

O tratamento quantitativo dos dados, quando necessário, se deu em números absolutos quando referentes a pessoas. Para outros tipos de dados, como os económicos, sociais etc., se deu tratamento estatístico com o apoio da ferramenta SPSS®.

Dadas as características próprias de pesquisas deste tipo, se optou por um modelo quase-experimental e descritivo, mas com especial atenção a análises interpretativas da realidade estudada. Compreende-se que os resultados obtidos são por si suficientes para o objetivo do estudo.

POPULAÇÃO E AMOSTRA

O desenho amostral não seguiu uma determinação probabilística; ao contrário, a amostra corresponde ao número total de alunos/as das referidas disciplinas, ou seja, 314 alunos/as que estiveram presentes nas aulas de campo.

Destes, 249 eram do sexo masculino e 68 do sexo feminino, com idades entre 18 e 55 anos. (Mhomem=21.69; DP=3.188) (Mmulher=21.78; DP=4.82).⁴

Cabe destacar que, aproximadamente, 70% dos sujeitos já haviam cursado a disciplina *Actividades en el Medio Natural*, pelo que se esperava que a questão ambiental estivesse apropriada por eles.

HIPÓTESE

Neste estudo, partimos da hipótese de que consciência e comportamento não apresentam uma correspondência linear.

‘esquecidos’) de cooperação e solidariedade, indispensáveis para um convívio justo e ético entre os seres humanos (INÁCIO, 1999).

⁴ M = Média; DP = Desvio padrão.



INSTRUMENTOS

Para avaliar o nível de consciência ambiental dos sujeitos da investigação se utilizou uma Escala, por nós chamada de ‘Escala de Avaliação do Comportamento Responsável’, especificamente desenvolvida para esta pesquisa, pela adaptação das escalas e instrumentos descritos a seguir:

Escala de Consciência Ecológica, adaptada da proposta de Bohlen, Schlegelmilch e Diamantopoulos (1993) para coletar informações a cerca do conhecimento sobre danos ecológicos e sobre os impactos de suas próprias ações sobre a natureza. Esta escala é constituída de 4 itens, com respostas do tipo Likert de cinco pontos.⁵

Escala de Preocupação Ecológica, adaptada dos trabalhos de Dunlap y Van Liere (1984) y Grendstad (1999), pela qual se buscou informação sobre a intranquilidade com o desequilíbrio da natureza e a possibilidade de uma crise ecológica. Esta escala também se constitui de 4 itens, com respostas do tipo Likert de cinco pontos.

Escala do Novo Paradigma Ecológico (NEP). Foi utilizada a versão espanhola (VOZMEDIANO y SANJUÁN, 2005) da escala *NEP* de Dunlap et al. (2000). A versão em espanhol foi abreviada e consta de 11 itens, sendo uma ferramenta útil para estudar as crenças sobre a natureza e as relações entre seres humanos e MA.

Escala de Preocupación Ambiental (ECS), (ARAGONÉS y AMÉRIGO, 1991; AMÉRIGO y GONZÁLEZ, 1996; GONZÁLEZ y AMÉRIGO, 1999), adaptada da original *Environmental Concern Scale* de Weigel y Weigel (1978). Consta de 16 itens com respostas tipo Likert de 5 pontos. Esta escala é uma medida tradicional da preocupação ambiental, tratando da conservação e da contaminação do meio ambiente.

ANÁLISE DOS DADOS

Em termos estatísticos, foram calculados a Média (M), o Desvio Padrão (DP) e a fiabilidade de cada item por meio do Índice de Consistência interna Alfa de Cronbach.

⁵ As respostas do tipo Likert de cinco pontos correspondem a: 1-Totalmente em desacordo; 2- Em desacordo; 3-Indiferente; 4- De acordo, e 5- Totalmente de acordo.



Outros aspectos tais como provas de normalidade, índices de assimetria, prova T de Student, foram determinados e comprovaram a adequação do instrumento. Para o tratamento estatístico dos dados se empregou o software SPSS versão 17.0 para Windows.

A ESCALA DE AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO RESPONSÁVEL

Como já dito, esta escala foi elaborada com base em instrumentos apresentados acima. Além dos aspectos como preocupação ambiental, consciência ambiental, comportamento ecológico e sustentável, atitude, entre outros, o instrumento foi ampliado com questões sobre as características sociais, econômicas, culturais e escolares dos sujeitos.

Ao final, o questionário constituiu-se de 19 questões, sendo que, em função da eleição de 1 a 5 pontos pela escala Likert, e de alguns outros itens que apresentavam três ou mais possibilidades de respostas, o instrumento apresentou um total de 62 opções de respostas.

PROCEDIMENTO

Previamente, os pesquisadores informaram aos alunos/as sobre os objetivos da investigação e se lhes solicitou sua colaboração de forma anônima e voluntária. Posteriormente, se lhes pediu que respondessem ao questionário durante as aulas das disciplinas *Actividades en el medio natural* e *Deportes de Aventura*. Os participantes não receberam nenhuma compensação econômica ou acadêmica por sua colaboração no estudo. O tempo para responder o questionário foi de 30 minutos aproximadamente. O trabalho de campo se deu entre os meses de março a maio de 2012.

ANÁLISE DOS DADOS

Neste texto, vamos nos ater apenas às questões 18 e 19 do instrumento, por serem as que mais se relacionam com o objetivo de avaliar uma correspondência direta ou não entre consciência e comportamento ou se há divergências/contradições entre estas duas variáveis.

Decidiu-se não apresentar distinção de sexo, idade, escolaridade, aspectos sociais e econômicos, etc., em função da extensão de que os dados e sua análise tomariam.



Pelos itens 18.1 e 18.2, sobre o comportamento quando há presença de fauna no espaço visitado, se comprovou que há uma atitude de não molestar tais animais que se encontram, bem como seus ninhos ou construções de/para reprodução.

Estes dados sugerem que os sujeitos compreendem a necessidade de não interferir nos sistemas dos ambientes nos quais desenvolvem suas práticas corporais, aspecto importante de uma consciência ambiental.

Contudo, quando não há presença física visível da fauna, este comportamento se altera. Apenas 84 sujeitos afirmam que procuram não fazer ruído (item 18.3) e mais de 40% responderam ser indiferentes a isto.

Sobre não recolher nada do espaço (item 18.4), 111 sujeitos indicaram indiferença, ou seja, mais de um terço dos mesmos não vê possíveis danos por coleta de elementos naturais que encontram.

Uma primeira contradição entre consciência e comportamento já se encontrou aqui: apesar de a grande maioria dizer que não incomoda os animais que encontra, outra maioria não se importa em fazer ruídos quando não vê os animais ou em recolher elementos do espaço.

Sabe-se que os ruídos estranhos fazem com que os animais de certa área se desloquem fugindo dali; desta forma, não são avistados, ainda que pudessem estar - anteriormente, bem próximos das pessoas. Da mesma forma, coletar coisas do espaço contraria todas as orientações sobre o comportamento de humanos em áreas mais 'naturais'.

Os itens 18.5, 18.6 e 18.7 dizem respeito à produção e encaminhamento de lixo durante as práticas na natureza. No item 18.5, 256 sujeitos afirmam que não deixam seu lixo no meio natural. Entretanto, apenas 72 deles são enfáticos em dizer que recolhem lixo que encontram (item 18.6).

O aspecto crucial entre estes dois itens, é que há um comportamento distinto quando o sujeito produz o lixo e quando este mesmo sujeito encontra lixo produzido por outras pessoas. Parece haver uma compreensão que de cada um deve ser responsável apenas por seus próprios feitos (individualismo); desta maneira, o lixo encontrado no caminho pode ser meramente ignorado.



Porem, esta é uma questão delicada, pois que se pode encontrar uma quantidade tal de lixo que não seja possível de ser recolhida, ou ainda, que alguém tenha que abandonar a prática que fazia em função desta nova tarefa.

O item 18.7 questiona se os sujeitos chamam à atenção de quem deixa lixo no espaço. Há, neste item, a presença da possibilidade de conflito entre quem deixou o lixo e quem lhe interpela por isto.

Infere-se aqui que é mais difícil apresentar um comportamento ambiental adequado quando isto pode levar a uma situação de confronto.

Voltando a utilizar relações estatísticas, se verificou que daqueles sujeitos que dizem não molestar a fauna encontrada, uma fração diz que não coleta o lixo encontrado em seu caminho. Ou seja, o comportamento ambiental ‘flutua’ de acordo com a situação vivida; os aspectos que constituem a consciência e o comportamento podem apresentar desconexões em função do contexto.

Os itens 18.8 e 18.9 dizem respeito a cuidados com a água e com os resíduos humanos. O primeiro questiona se os sujeitos levam sua própria água e em recipiente adequado, e o segundo pergunta se os sujeitos buscam não deixar dejetos humanos (excrementos) próximos de cursos de água, sendeiros etc.

Os dados apontam que 242 sujeitos estão preocupados com isto, coincidindo – agora sim, com o numero de sujeitos que diz não interferir com a fauna e flora dos lugares.

Os itens 18.10 e 18.11 referem-se ao deslocamento para e no meio das praticas na natureza. Sobre a preocupação em preservar os caminhos naturais (18.10), mais de 230 sujeitos se mostraram sensíveis a isto. Isto é muito significativo em função da importância que os caminhos naturais têm no equilíbrio do ecossistema local.

Ao contrário, sobre o deslocamento para ir até os espaços das práticas (item 18.11), mais da metade dos sujeitos é indiferente ou não se preocupa com o tipo de deslocamento que utilizam. Outro conflito então se observa: parte significativa dos sujeitos se preocupam com os caminhos naturais encontrados, mas não se preocupa com seu próprio deslocamento ate ali.



Outra vez se pode constatar que o contato mais direto com a natureza ou meio interfere no comportamento. Assim, quando os sujeitos estão no meio natural, a preocupação ambiental se amplia; ao contrário, se não estão no meio natural, tal preocupação se diluí. Esta constatação se alinha com o pensamento de Milton Santos, sobre a interferência do espaço no comportamento humano.

Passamos agora a questão 19, a qual se refere mais à consciência, onde as respostas dos sujeitos situam-se mais em nível cognitivo que na ação propriamente dita.

O item 19.1 pergunta se os sujeitos estariam dispostos a fazer sacrifícios pessoais para reduzir o ritmo de contaminação ambiental, ainda que resultados iniciais não fossem aparentes. Encontrou-se que mais de 60% (190) dos sujeitos estão de acordo com isto. Na mesma direção, mais de 70% concordam que a escola pública deveria ser responsável por conteúdos sobre a conservação dos recursos naturais (19.2).

Há aqui uma associação importante, que é o fato de que os sujeitos são alunos/as de um curso de formação de professores, ou seja, futuros profissionais que podem concretizar tal consciência em ações proativas.

Mas, quando chegamos aos itens 19.3, 19.4 e 19.5, que estão relacionados com o conforto cotidiano dos sujeitos, tal consciência se desconecta do comportamento.

No item 19.3, apenas 85 sujeitos afirmaram que deixariam seus carros em casa caso o transporte público fosse eficiente, enquanto que 69 deles não concordam em trocar seu carro pelo transporte público.

Novamente com o auxílio da estatística, se constata que daqueles que responderam positivamente em fazer sacrifícios pessoais pelo MA, apenas 43% deles trocariam seu meio transporte.

O item 19.4 questiona se os sujeitos dariam uma parte de seu tempo ou doação em dinheiro para alguma organização ambiental. Aqui, apenas 135 sujeitos concordaram, novamente conflitando com os 190 que afirmaram sua disposição em sacrifícios pessoais.

Por sua vez, o item 19.5 questionou especificamente se os sujeitos doariam 30 Euros por ano para organizações ambientais. O resultado apontou que apenas 140 deles o fariam, contrastando novamente com os 190 concordantes com sacrifícios pessoais.



Analisando as duas questões de maneira mais global, se observa que, na média, 51,9% dos sujeitos apresenta uma consciência ambiental importante, sendo significativas suas respostas às questões sobre o cuidado com o meio.

Levando em conta que uma das opções de resposta era “indiferente”, e que estes sujeitos indiferentes podem flutuar para situações mais ou menos adequadas – ambientalmente falando, caso eles assumam comportamentos desejáveis, o número de sujeitos cuja consciência e comportamento se correspondem chega perto dos 80% (252 sujeitos).

Como já vimos, há uma pressão da consciência coletiva sobre a individual; assim, se pode aceitar com relativa segurança que a maioria destes sujeitos indiferentes assumam o comportamento mais presente nos grupos dos quais fazem parte.

Sobre relações gerais entre as questões 18 e 19 é possível inferir – estatisticamente, que de possíveis 78% de sujeitos conscientes, serão 67% os que concretizarão sua consciência em comportamento. Não é uma correspondência ruim, porém tampouco é boa.

CONCLUINDO

Este estudo buscou avaliar os níveis de consciência e de comportamento ambientais de determinados sujeitos. Sendo estes sujeitos alunos e alunas do ensino superior e, tendo os mesmos, já cursado uma ou duas disciplinas que tem o MA como conteúdo transversal, esperava-se que apresentassem níveis positivos de consciência e comportamento; isto se confirmou.

Partimos – ainda, da premissa de que consciência e comportamento não são linearmente correspondentes; isto também se confirmou, numa proporção de, aproximadamente, 86% dos sujeitos com comportamentos conectados à consciência.

A pesquisa utilizou como instrumentos de coleta de dados um questionário e a observação participante; contudo, aqui expusemos apenas a análise das questões 18 e 19 do questionário, uma vez que são as mais significativas para o objetivo apresentado. Mas destacamos que as questões não discutidas neste texto nos fornecem dezenas de dados bastante importantes, os quais serão publicizados em outros meios. Categorias como gênero, idade, condição social, participação cidadã, hábitos cotidianos etc., nos dizem coisas



interessantes, como, por exemplo, que a consciência ambiental das mulheres foi mais positiva que a dos homens.

Encerrando, voltamos então à assertiva de Aristóteles, concordando com a mesma: é preciso que sejamos escravos de nossa consciência se desejamos que nosso comportamento corresponda a ela. Isto não diz respeito apenas ao campo do estudo, ou seja, o desenrolar de práticas corporais na natureza durante o lazer, mas também às nossas ações pedagógicas como sujeitos e como professores/as.

Somos professores na escola, mas também o somos no lazer, atuando profissionalmente ou como partícipe; nosso comportamento deve se conectar com nossos pensamentos e ideias; nosso comportamento 'pode' ser exemplo para outros.

Recordamos que este estudo se deu na Espanha, com um grupo de sujeitos bastante específico (alunos/as de graduação em Educação Física). Assim, sugere-se que o mesmo seja replicado em outros contextos, buscando identificar aspectos particulares, sem o que, a produção do conhecimento se esvazia de significado e relevância.

Finalmente, resta ressaltar que entendemos o papel do lazer como absolutamente significativo na (re)construção de valores e atitudes para uma convivência ética, justa e harmoniosa, em todas as tramas e tessituras sociais nas quais estamos inseridos.

RELACION BETWEEN ENVIRONMENTAL CONSCIENCE AND BEHAVIOR IN PRACTICE OF LEISURE IN NATURE

ABSTRACT

This study aimed to spot the difference between environmental conscience and behavior of practitioners of leisure activities in nature. a scale of responsible behavior was used with 314 students of university of murcia, spain. it began assuming that conscience and behavior do not relate themselves directly, given that a subject can present a behavior distinct from its conscience. the survey pointed ou that 78% of all investigated subjects present a proper level of conscience, but only 67% of all conect this level of conscience with a responsible behavior. it is assured that there is a need to deepen pedagogical practices that may help people to reflect their consciences in their actitudes.



KEYWORDS: *Leisure activities in nature practices; Leisure; Behavior and environmental conscience.*

RELACION ENTRE LA CONCIENCIA AMBIENTAL Y EL COMPORTAMIENTO DE LOS PRACTICANTES DE ACTIVIDADES DE OCIO EN LA NATURALEZA

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo identificar la relación entre la conciencia y el comportamiento de los practicantes de actividades de ocio en la naturaleza. Se utilizó una escala de Conducta Responsable con 314 estudiantes de la Universidad de Murcia, España. Se ha presumido que la conciencia y la conducta no se relacionan de una forma lineal, un sujeto puede tener un comportamiento diferente de su conciencia. La encuesta indicó que el 78% de los sujetos investigados tienen un adecuado nivel de conciencia ambiental, pero sólo el 67% logra conectar este nivel de conciencia con un comportamiento responsable. Si apunta que hay necesidad de prácticas de enseñanza que puedan contribuir a que la conciencia sea reflejada en actitudes.

PALABRAS CLAVES: Prácticas corporales en la naturaleza; ocio; comportamiento y conciencia ambiental.

BIBLIOGRAFÍA

ADES, C. *O morcego, outros bichos e a questão da consciência animal*. São Paulo: 1997. Psicologia USP. Acesso em 06 de abril de 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200007

AMÉRIGO, M.; GONZÁLEZ, A. Preocupación medioambiental en una población escolar. *Revista de Psicología Social Aplicada*, 6, p.75-92, 1996.

AMORIM, T. A. V. V. A promoção da educação ambiental através do desporto de aventura e natureza em meio escolar. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real. 2010. 57p.



ARAGONÉS, J.I.; AMÉRIGO, M. Un estudio empírico sobre las actitudes ambientales. *Revista de Psicología Social*, 6, p.223-240, 1991.

BAENA-EXTREMERA, A.; GRANERO-GALLEGOS, A. Estudio cuasi-experimental de un programa de supervivencia en el medio natural. *Revista Internacional de Medicina y ciencias de la actividad física y del deporte*. No prelo, 2012.

BOHLEN, G., SCHLEGELMILCH, B.; DIAMANTOPOULOS, A. Measuring ecological concern: a multi-construct perspective. *Journal of Marketing Management*, 9, p.415-430, 1993.

CASTRO, M. C. de. O que é consciência? Rio de Janeiro: s/d. Acesso em 07 de agosto de 2012. Disponível em:

<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/smartfaq/faq.php?faqid=172>

CHANDIRAMANI, V. R. El poder da la conciencia. Maracaibo (Venezuela): 20 de junho de 2012. *Reflexiones diárias*. Acesso em 07 de agosto de 2012. Disponível em: <http://reflexionesdiarias.wordpress.com/2012/06/>

CORRALIZA, J. A.; MARTÍN, R. Estilos de vida, actitudes y comportamientos ambientales. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*. 1(1), p.31-56, 2000.

DÍAZ, A.G. Los orígenes sociales de la conciencia: un Marco Teórico para la Salud Mental. Madrid, 2003. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*. n.88. Acesso em 08 de agosto de 2012. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S0211-57352003000400006&script=sci_arttext

DUNLAP, R.E.; VAN LIERE, K.D. Commitment to the dominant social paradigm and concern for environmental quality. *Social Science Quarterly*. 65(4), p.1013-1028, 1984.

GÓIS, C. W. L. *Consciência universitária e comunidade*. Brasília: 2001. Conferência realizada na Faculdade de Ciências da Saúde - UniCEUB, Acesso em: 17 de junho de 2012. Disponível em: <http://www.emco.com.br/artigos05.htm>



GONZÁLEZ, A.; AMÉRIGO, M. Actitudes hacia el medio ambiente y conducta ecológica. *Psicothema*, 11, p.13-25, 1999.

GRENDSTAD, G. The new ecological paradigm scale: examination and scale analysis. *Environmental Politics*, 8(4), p.194-205, 1999.

INÁCIO, H. L. D. Os interesses contemporâneos no lazer-empresa. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer & Empresa*. 01ed. Campinas: Papyrus, 1999, v. 01, p. 149-162.

LAYRARGUES, P. P. Como desenvolver uma consciência ecológica? Petrópolis: 2012. Acesso em 08 de setembro de 2012. Disponível em: <http://www.educacaoambiental.pro.br/victor/biblioteca/LayrarguesConscienciaEcol.pdf>

MACHADO, G. M. Consciência Coletiva. 2010. *InfoEscola:navegando e aprendendo*. Acesso em 08 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/consciencia-coletiva/>

MARCELLINO, N. C. Lazer e educação. Campinas: Papyrus, 1987.

PACHECO, R. T. B. O lazer nas empresas: onde está o trabalhador? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí, 12 (1,2,3), p. 249-256, 1992.

PINTO, D. C. *Valores e motivação baseada na identidade: influência da identidade no consumo responsável*. 2011. 111f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação da Escola de Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011.

PRADINES, M. *Traité de Psychologie Générale*, 3e. éd., Paris, P.U.F., 1987, t.I, I-1

RODRIGUEZ, M., BOYES, E.; STANISSTREET, M. Spanish Secondary students` willingness to undertake specific actions to combat global warming: Can environmental education help? *Psychology*, 1(1): p.01-17, 2010.

SCHWAMBACH, A. *Avaliação da consciência ambiental de alunos da Rede Pública Estadual: um indicador da qualidade da educação ambiental em São Leopoldo/RS*. 2010. 90f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.



VOZMEDIANO, L.; SAN JUAN, C. Escala Nuevo Paradigma Ecológico: propiedades psicométricas con una muestra española obtenida a través de internet. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 6(1), p.37-49, 2005.

WEIGEL, R.H.; WEIGEL, J. Environmental concern: The development of a measure. *Environment and Behavior*, 10, p.03-15, 1978.